

A ESPERANÇA DE UMA NOVA CRIAÇÃO: UMA TEOLOGIA DE UM CONTEXTO SUL AFRICANO.

Rev Dr. A. Patrick Thomas

Primrose Community Church of the Nazarene, Joanesburgo, África do Sul

A compreensão da Esperança de uma Nova Criação, conforme exposta pelo Dr. Velantin-Vera, é sólida e está alinhada com nosso paradigma wesleyano sobre santidade. Ela é clara em sua explicação de que, como nossa fé cristã foi vista, tocada e ouvida pelos Apóstolos, ela é viva e não representa apenas a esperança de uma promessa ainda a ser cumprida. Ela já foi cumprida por meio da morte, ressurreição e ascensão de Jesus, o Cristo, vive no presente e ainda não atingiu seu ponto culminante em Sua segunda vinda. Essa esperança é radical no sentido de que nós, como cristãos, vemos em Jesus nosso passado, presente e futuro redimidos da queda, restaurados à plenitude e, finalmente, como uma nova criação Nele. Esta nova criação não carrega consigo as noções de vingança ou julgamento, mas é baseada puramente na restauração - Deus restaurando Sua imagem para todas as coisas. E esta restauração é inegavelmente para o presente. Os filhos de Deus, por meio da igreja, vivem como agentes de igualdade, compaixão, justiça, amor e paz em um mundo caído, denunciando o pecado e a injustiça, ao mesmo tempo em que anunciam a salvação e a transformação por meio do poder do Espírito Santo. O imperativo é claro, por mais incômodo que cause ao cristão, obrigando-os a viver e proclamar a mensagem (Romanos 1:15-16).

Como uma pessoa imersa na tradição wesleyana de santidade, o que foi dito acima faz sentido. O imperativo de viver e proclamar este entendimento é claro. No entanto, sou um africano desafiado por como exatamente isso deve ser feito em um contexto em que quase todos os sistemas religiosos do mundo estão representados e onde muitos africanos não se importam com o que asiáticos, europeus ou americanos pensam sobre sua religião ou práticas e expressões espirituais.¹ Aceito esse desafio por meio do cuidado pastoral que reflete a visão de mundo da cultura sul-africana da qual faço parte. Meu ponto de partida é que, como a cosmovisão africana é principalmente sistêmica e lida com padrões, estruturas e relações sociais, minha teologia do cuidado pastoral deve se afastar da abordagem intrinsecamente individualista e centrada na pessoa do Ocidente. Preciso ser capaz de incorporar as pessoas, seus eventos, esperanças, preocupações e riquezas que são fundamentalmente comunitárias e relacionais em minha teologia.²

Religião Tradicional Africana

Se a teologia for aceita dentro de um contexto africano, sua primeira tarefa é entender a Religião Tradicional Africana. Infelizmente, o escopo deste ensaio não permite um estudo aprofundado da Religião Tradicional Africana, ou uma discussão detalhada entre a verdade da Palavra e o contexto do Sul da África, mas uma breve explicação de seus principais princípios deve ajudar a obter um entendimento. É lamentável que a religião e a espiritualidade africanas sejam chamadas de “tradicionais” como se estivessem desatualizadas ou mortas. Pelo contrário, é

¹ Chidester, D., Kwenda, C., Petty, R., Tobler, J. & Wratten, D. (1997). *African Traditional Religion in ; South Africa: An Annotated Bibliography*. Greenwood; Mbiti, J. (1970). *African Religions and Philosophy*. Anchor.

² Louw, D. (1997). Pastoral Care in an African Context: A systemic model and contextual approach. *Missionalia*. 25(3). 392-407.

uma herança de um passado muito distante, nativa do continente, transmitida oralmente de geração em geração e consistentemente mantida e praticada como um meio de conectar o passado ao presente e o presente à eternidade.³

Geralmente, os africanos são muito religiosos e adoradores leais com forte consciência espiritual e a firme crença de que os reinos sobrenaturais ou invisíveis estão intimamente ligados às suas vidas cotidianas.⁴ De acordo com a tradição, o indivíduo só pode ter acesso ao Criador Supremo (que atende por diferentes nomes) por meio de intermediários que são espíritos dos membros falecidos da linhagem familiar, ou clã.⁵ No entanto, esse ser supremo não está completamente afastado ou desconectado da vida do indivíduo como comumente se acredita. Deus, como o africano o entende, está tanto distante quanto envolvido na vida do indivíduo e da comunidade, e um bom relacionamento com o Ser Supremo garante boa saúde e prosperidade para todos os envolvidos.⁶

Ao contrário dos pressupostos populares não africanos, os ancestrais que servem de intermediários entre o Criador Supremo e o povo não são cultuados.⁷ São, porém, respeitados e honrados ao serem incluídos, consultados e lembrados quando as famílias exercem funções, quando há calamidade, ou quando decisões importantes precisam ser tomadas.⁸ Embora a crença predominante seja que tanto os espíritos bons quanto os maus influenciam a vida e as atividades, os ancestrais são vistos como aqueles que fornecem proteção e segurança, e que distribuem punições quando os rituais relacionados à vida e os eventos não são observados, ou quando os tabus são violados.⁹

Religião Tradicional Africana e Cristianismo

O que precisa ser aceito desde o início é que muitos africanos que professam a adesão ao cristianismo, ou ao islamismo, o fazem abertamente, enquanto praticam secretamente religiões tradicionais.¹⁰ Isso ocorre porque eles não abandonam completamente sua religião, apesar de optarem por abraçar perspectivas culturais e cristãs.¹¹ Por exemplo, eles não veem contradição ao consultar tanto cristãos quanto curandeiros tradicionais quando estão doentes. E não é porque queiram enganar: as suas crenças únicas e firmes sobre o papel dos antepassados, combinadas

³ Bonsu, N. (2016). African Traditional Religion: An examination of terminologies used for describing the indigenous faith of African people, using an Afrocentric paradigm. *Africology: The Journal of Pan African Studies*, 9(6). Mokhoathi, J. (2017). Imperialism and its effects on the African Traditional Religion: Towards the liberty of African Spirituality. *Pharos Journal of Theology*. 98.

www.pharosjot.com

⁴ Chimhanda, F. (2013). Relevance of theology in relation to spirituality: an African Bantu perspective. *Scriptura* 112, 1-17. <http://scriptura.journals.ac.za>; Bonsu 2016; Khoaseb, M. & Thesnaar, C. (2019). Holistic Christian spirituality during times of illness and crisis: a hermeneutical pastoral perspective. *LitNet Akademies*. 13(3).

⁵ Ross, E. (2010). Inaugural lecture: African spirituality, ethics and traditional healing – implications for indigenous South African social work education and practice. *SAJBL* 3(1); Khoaseb, M. & Thesnaar, C. 2019.

⁶ Khoaseb & Thesnaar, 2019

⁷ Mbiti, 1970.

⁸ Ross, 2010.

⁹ Khoaseb & Thesnaar, 2019, Ross 2010.

¹⁰ Mokhoathi, 2017

¹¹ Khoaseb & Thesnaar, 2019

com os “elementos práticos” (rituais, sacrifícios de animais, encantamentos etc.) e “resultados tangíveis” que conseguem através das práticas tradicionais os tornam cautelosos em confiar apenas no Cristianismo ou no Islã.

O desafio a esse respeito é que a teologia, como geralmente é exposta, tende a se limitar a ideias, enfatizando os aspectos acadêmicos ou espirituais¹², e raramente toca a vida cotidiana e as questões com as quais os africanos lidam e tentam encontrar um significado, como acreditam encontrar por meio de seus ancestrais.¹³ A resposta para este desafio reside em garantir que a teologia seja vista como tão interessada na vida real quanto na crença correta, porque a natureza fundamental da religião ou espiritualidade para o africano é que essa crença e vida real estão intimamente relacionados.¹⁴

Fazendo a ponte entre a religião/espiritualidade tradicional africana e o cristianismo

Como africanos, podemos aceitar uma teologia descontextualizada ou pensar seriamente em como ela é aceita por aqueles que não compartilham dos nossos pontos de vista. A Religião Tradicional Africana não dará lugar ao Cristianismo, nem morrerá silenciosamente. Minha sugestão é que comecemos o processo de fazer perguntas e iniciar conversas com líderes, especialistas e seguidores da Religião Tradicional Africana em nossas áreas geográficas que levem ao entendimento.

Como parte de nossa responsabilidade de vestir o evangelho em termos culturais e questões contextuais da vida africana, concordo com Knoetze que o diálogo é importante.¹⁵ Nesse diálogo, como adeptos do paradigma wesleyano de santidade, somos compelidos a estar abertos sobre a coexistência de diferentes fés, crenças ou convicções sobre Deus e a criação, mesmo que isso ameace nossas crenças de longa data sobre a “exclusividade” do cristianismo.¹⁶ Nesse processo, devemos nos comprometer a ouvir e aprender com outras fés, crenças ou convicções enquanto nos apegamos firmemente às nossas. Mas porque entendemos que ninguém entra em nenhum diálogo sem preconceitos, não pode haver posições de poder - não há “tem” ou “não tem”, não há “superior” ou “inferior”. Isso significa que deve haver verdadeira compaixão pelos devotos da Religião Tradicional Africana em busca de significado, em vez de afirmar nossos próprios pontos de vista e/ou teologia. A compaixão também deve despertar em nós a percepção de que Deus usa muitos meios para se dar a conhecer e que nossa perspectiva não é necessariamente a única. Ao fazer isso, porém, não devemos negar as tensões entre diferentes crenças e pontos de vista, porque o objetivo é abraçar as diferenças como um caminho para alcançar o entendimento, mesmo que os participantes possam ter motivos secundários.

Nós fazemos isso contando nossa história. Embora o assunto do artigo do Dr. Daniels seja nossa história da escatologia e como sua ênfase mudou ao longo de dois séculos, nossa história de Deus e Seu relacionamento com a humanidade é valiosa. Encontramos ali questões como justiça e paz, preocupações com a ecologia da terra, a preservação de culturas humanas únicas e suas criações que o Dr. Daniels diz serem negligenciadas em nossa visão da escatologia. Esses são aspectos importantes das religiões tradicionais africanas e formam um todo consistente

¹² Kunhiyop, S. (2012). *African Christian Theology*. Zondervan.

¹³ Mbiti 1970

¹⁴ Kunhiyop, S. (2012). *African Christian Theology*. Zondervan.

¹⁵ Knoetze, J. (2021). Reformed theology in dialogue with a spirituality of creation within the context of religious pluralism in Africa. *HTS Theological Studies*. 77(4). <https://doi.org/10.4102/hts.v77i4.6336>

¹⁶ Mokhoathi, 2017

em suas narrativas. Uma compreensão da proposta do Dr. Daniels de escatologia da nova criação que comunica que a graça de Deus é motivo suficiente para participarmos da renovação da criação nos ajuda a encontrar um terreno comum com a religião tradicional africana. E assim, nosso diálogo incluirá relatar nossa história de participação com Deus na manutenção da criação, da justiça e da paz. Estes são elementos que ressoam com a compreensão da Religião Tradicional Africana sobre o lugar do indivíduo e da comunidade na vida e no mundo e, portanto, permitem a comunhão na busca de compreensão mútua. No entanto, o terreno comum pode não ser muito grande e os caminhos relacionados à soteriologia e escatologia irão divergir. Mas é contando a nossa história sem transigências e ouvindo respeitosamente os diferentes pontos de vista que construímos pontes para que o Espírito Santo “reanime tudo o que está morto e o traga para uma vida nova e eterna” (Daniels, p.9).

Conclusão

Nossa teologia wesleyana de esperança de uma nova criação é habilmente e profundamente articulada pelo Dr. Valentin-Vera. Nossa teologia não significará muito, porém, para um africano que mantém suas crenças religiosas tradicionais, se não for traduzida para os contextos que eles entendem e vivem. Para esse fim, primeiramente devemos vestir nossa teologia com termos da cultura africana, compreendendo a religião tradicional africana. Em segundo lugar, fazendo teologia em seu contexto (servindo sem preconceito) e, em terceiro lugar, iniciando um diálogo significativo sobre o que significa compartilhar nossa fé no mesmo nível da Religião Tradicional Africana, e tudo isso sem noções de superioridade ou inferioridade. Deus recebe a glória através da nossa disposição de conviver e servir aqueles que possuem crenças diferentes da nossa.